

Aversão ao risco e outras milongas

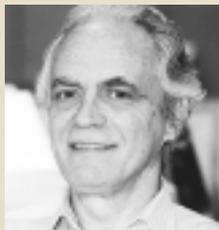
Não. Não vou falar da Argentina. Afinal, o real já emparelhou com os patacones... não seria justo. Regressamos a 1998, quando, também em transe eleitoral, enfrentávamos uma crise financeira internacional. Nos Estados Unidos, os folguedos do presidente Clinton podiam custar-lhe um *impeachment*. Na Rússia, o presidente Ieltsin agarrava-se a um barril de vodca para não afundar e era a última muralha contra a volta dos comunistas ao poder. A Ásia, com suas jaguatiricas, tigres e dragões, recuperava-se de uma crise financeira, mas seus esporos contaminavam o entorno – especialmente a cambaleante Rússia. No Brasil, o real sofria forte desvalorização.

Hoje nossas turbulências têm também três origens. Uma é a insistência do presidente Bush em esmagar Saddam Hussein a qualquer custo; outra são os escândalos financeiros e contábeis em grandes empresas bloqueando e/ou retardando a recuperação da economia norte-americana; a terceira é o desfecho eleitoral no Brasil.

A sanha guerreira do presidente norte-americano possui uma lógica militar inquestionável: em caso de novo atentado, não poderá ser chamado de negligente. O suspeito habitual, já cercado, seria trucidado rapidamente. O recado para Saddam é claro: se não quiser ser destruído, humilhe-se permitindo uma vitória total em seus palácios. Mas o revide preventivo provoca enorme desgaste

político-diplomático, convulsiona o mundo econômico-financeiro e deixa todos no limiar de um ataque de nervos.

O estribilho da moda passou a ser a expressão “aversão ao risco”. As moedas fortes voam para ninhos seguros, e as fracas não conseguem proteger seus ovos. Nas eleições brasileiras, os candidatos de oposição somam mais de 75% das intenções de voto no primeiro turno, e mesmo o do governo é governista *pero no mucho*. O povo quer mudanças. Os credores tupiniquins torcem o nariz: mudanças podem significar alterações no superávit primário ou no saldo comercial, pilares dos pagamentos externos e internos dos respectivos débitos. “Preventivamente”, a taxa de câmbio bate recordes e a inflação fica à espreita na virada da esquina. O governo sustenta que os fundamentos estão sólidos: o superávit primário ultrapassa os 3,7% do PIB e o superávit da balança comercial bate recordes a cada mês. Mas a população está farta dessas “conquistas”: ela deseja mais emprego e mais salário. Os candidatos que representavam tais anseios eram o desaguadouro natural dos votos – visto as promessas em torno do salário mínimo e da criação de empregos. A solução exige uma mexida nos fundamentos. Credores e especuladores sabem disso e prevêem mau tempo. Recomendam calma e cautela. Os eleitores colocaram nas urnas o que ainda lhes restava: um bocado de apressada esperança.



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP